

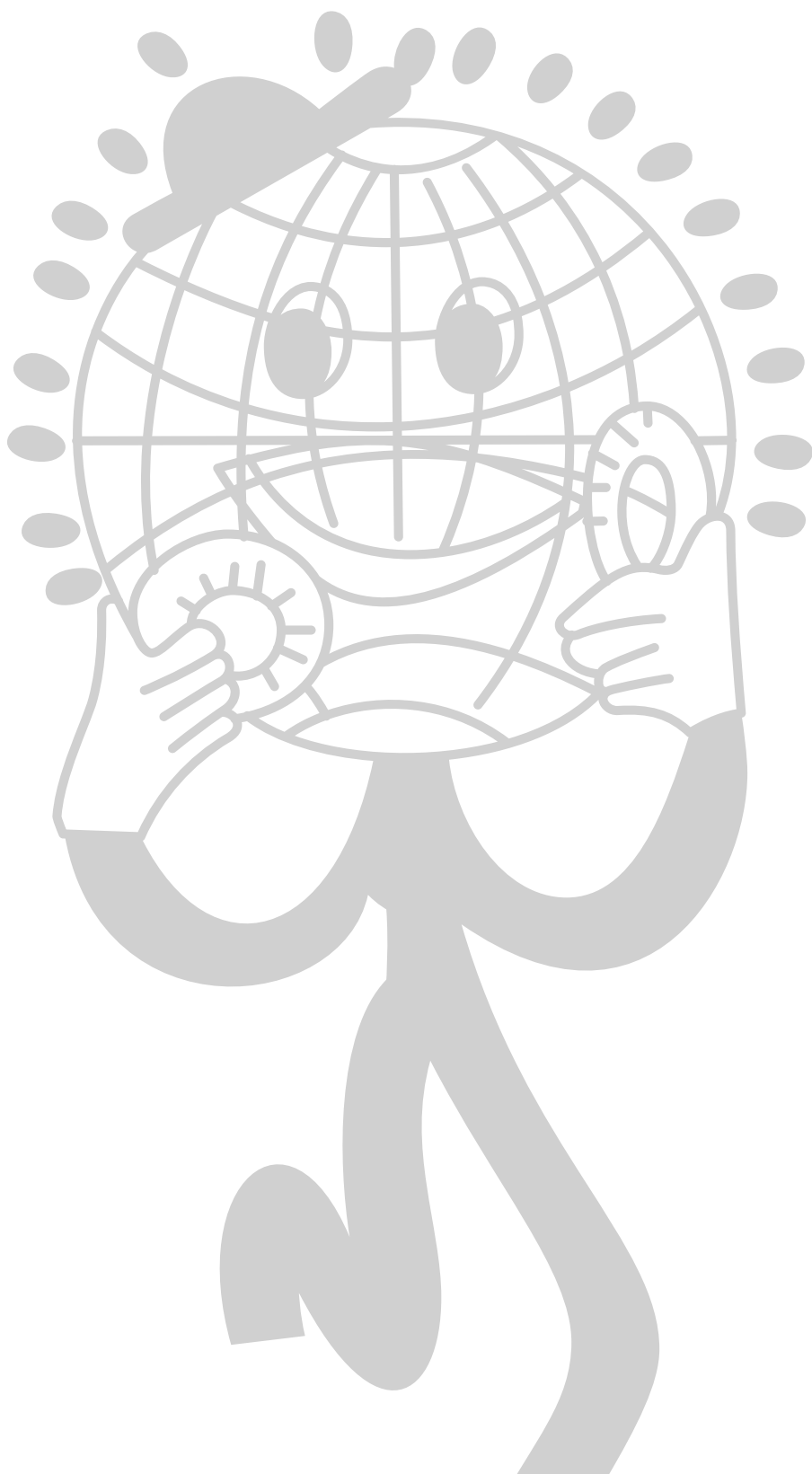
# O GLOBO!



**A HISTÓRIA DE UM BISCOITO**

Ana Beatriz Manier

Ó. O GLOBO!



# Ó, O GLOBO!



## A HISTÓRIA DE UM BISCOITO

Ana Beatriz Manier

valentina 

Rio de Janeiro, 2017

1ª edição

*Copyright © 2016 by Ana Beatriz Manier*

CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

**Elmo Rosa**

FOTO DE CAPA (VERSO)

**Marcelo\_minka**

FOTO DA AUTORA

**Rosana Barroso**

DIAGRAMAÇÃO

**Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial**

**Impresso no Brasil**

*Printed in Brazil*

**2017**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M245g

Manier, Ana Beatriz

Ó, o Globo!: a história de um biscoito / Ana Beatriz Manier. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

176 + 16 caderno de fotos p.: il.; 23 cm

ISBN: 978-85-5889-037-3

1. Biscoito Globo (Marca). 2. Marca notória. 3. Cultura popular – Rio de Janeiro (RJ). 4. Rio de Janeiro (RJ) – Usos e costumes – Século XX. 5. Rio de Janeiro (RJ) – Usos e costumes – Século XXI. I. Título

16-38445

CDD: 658.827

CDU: 658.827

**Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

[www.editoravalentina.com.br](http://www.editoravalentina.com.br)

“É preciso ter alguma ligação com quem se pretende biografar, algo em comum, algum laço afetivo”, disse o biógrafo à plateia atenta. E na mesma hora me veio à mente uma imagem de infância: eu, aos cinco/seis anos, na barca Rio-Niterói, atravessando a Baía de Guanabara, com um pacote de *Biscoito GLOBO* na mão.



Para as famílias Ponce e Torrão,  
com admiração.

# Sumário

<b>10</b>	Está lendo este livro?
<b>12</b>	Prefácio
<b>14</b>	Capítulo 1: <i>Medalha 1º de Março: viva a carioquice!</i>
<b>20</b>	Capítulo 2: <i>Para o Novo Mundo, para a América</i>
<b>26</b>	Capítulo 3: <i>Antonio &amp; Encarnação</i>
<b>38</b>	Capítulo 4: <i>Da Vila Alpina ao Ipiranga e à Praça do Congresso, no Rio de Janeiro</i>
<b>44</b>	Capítulo 5: <i>36º Congresso Eucarístico Internacional</i>
<b>52</b>	Capítulo 6: <i>A chegada ao Rio de Janeiro</i>
<b>60</b>	Capítulo 7: <i>Então o carioquíssimo Biscoito Globo é...</i>
<b>68</b>	Capítulo 8: <i>O sócio português</i>
<b>72</b>	Capítulo 9: <i>Negócios &amp; mudanças &amp; separações</i>
<b>78</b>	Capítulo 10: <i>Recomeço</i>
<b>86</b>	Capítulo 11: <i>A fábrica e sua produção</i>
<b>98</b>	Capítulo 12: <i>Propaganda e novo design... pra quê?</i>
<b>112</b>	Capítulo 13: <i>Operação “Rosquinhas de Ouro”</i>
<b>116</b>	Capítulo 14: <i>A concorrência</i>
<b>120</b>	Capítulo 15: <i>Os ambulantes</i>
<b>134</b>	Capítulo 16: <i>O consumidor</i>
<b>150</b>	Capítulo 17: <i>A polêmica criada pelo New York Times</i>
<b>160</b>	Capítulo 18: <i>Paz &amp; amor</i>
<b>168</b>	Epílogo
<b>172</b>	Agradecimentos

**Está lendo  
este livro?**

ENTÃO VOCÊ É CARIOCA e sabe muito bem de *quem* ele fala. Se não é, mesmo assim deve saber também, pois, independentemente do seu sotaque, do som do seu “r”, do cantado da sua voz, se você vive no Rio ou vem de vez em quando para cá, vai à praia, ao Maracanã, enfrenta engarrafamentos ou pelo menos uma vez na vida e outra na morte já atravessou a Baía de Guanabara de barca, você já comeu *Biscoito GLOBO*.

Há teorias que falam da existência de túneis subterrâneos com passagens secretas para os ambulantes do *Biscoito GLOBO*, que brotam no asfalto de toda e qualquer via engarrafada da Cidade Maravilhosa. Acredito que você já tenha ouvido falar dessas teorias e chegou a considerar sua veracidade, pois devo confessar que, até escrever este livro, eu também as considerava.

Dez minutos de engarrafamento e, de repente, do nada, surge um contingente de ambulantes com sacos transparentes de biscoitos fresquinhos que tornam sua espera mais branda, deixam seus filhos mais felizes e seu carro muito, mas muito esfarelado. Só que, em se tratando de *Biscoito GLOBO*, quem liga para os farelos?

E olha que não para por aí: a fila do ônibus está muito grande? *Salgado e doce!* Deu boca nervosa na entrada das Barcas? *Ó, o Globo!* Bateu aquela fominha na praia? *Vai um GROBO aí? Doce ou sal?*

Vai. Com certeza, vai.

# **Prefácio**

ESCREVER A HISTÓRIA DO *Biscoito Globo*, antes de constituir-se num trabalho ou num compromisso editorial, constituiu-se num imenso prazer e aprendizado.

Embora a experiência de quase duas décadas no setor administrativo de algumas indústrias tenha despertado em mim boa dose de curiosidade e fascinação por todo o processo pelo qual passam os produtos, desde seu projeto e fabricação até seu destino final nas mãos do consumidor, sou obrigada a admitir que acabou não sendo esse o foco deste livro. O que é facilmente justificável.

Escrever sobre um biscoito que se tornou ícone de uma cidade não é escrever apenas sobre um produto, mas, principalmente, sobre as pessoas que o tornaram possível: sobre a família que o idealizou, os vendedores que lhe abriram mercado, os rapazes que lhe deram vida, o povo que o acolheu e os ambulantes que há mais de 50 anos o distribuem.

Escrever sobre o *Biscoito Globo* é também fazer menção ao que esse biscoito se refere: à infância na praia, ao domingo no Maracanã, à travessia nas águas da Baía de Guanabara, à espera bem acompanhada nos engarrafamentos...

Infelizmente, não há muitos registros fotográficos que ilustrem o início dessa história, apenas fotos do depois. O que há em grande escala é trabalho, bons exemplos, boa gente e gratidão.

Gratidão de Milton Ponce – o grande gestor do BG – por todos que o ajudaram e se uniram a ele ao longo da vida; gratidão minha por ele ter me deixado registrar sua trajetória e com ela aprender; gratidão de toda a Panificação Mandarinino pelo povo carioca, que sempre recebeu o *Biscoito Globo* como o Cristo Redentor: de braços abertos.

*Crrrrrrrak!*



# **Capítulo 1**

---

## **Medalha 1º de Março: viva a carioquice!**

PRIMEIRO DE MARÇO DE 1565. Na região situada entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, uma cidade está para nascer. Não uma cidade qualquer, mas um povoamento estratégico, à beira da Baía de Guanabara, de propriedade de portugueses, invadida por franceses. Para ocupar de vez essa terra e nela firmar seu domínio, o português Mem de Sá, então governador-geral do Brasil, enviou seu sobrinho Estácio de Sá para lançar a pedra fundamental da cidade guerreira que recebeu o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro.

PRIMEIRO DE MARÇO DE 2015. No Palácio da Cidade, em Botafogo, uma casa em tom perolado e estilo georgiano que antes servira de sede da embaixada do Reino Unido, uma festa de aniversário está em andamento. Não o aniversário de um nobre, de algum morador palaciano, tampouco de alguma ilustre autoridade política, mas o aniversário de uma cidade; uma cidade que, 450 anos após sua fundação, encontra-se em plena forma física, com espírito jovem e curvas bem delineadas: a cidade do Rio de Janeiro.

Para uma celebração dessas, convidados muito especiais: gente que faz e fez história, que faz e fez cultura; gente que canta e dança; que trabalha, que administra, que estuda, que vive no Rio e do Rio e que o ama incondicionalmente com todas as suas belezas e agruras, coerências e contradições, sendo carioca da gema ou por adoção.

Nessa data, após os parabéns à Cidade Maravilhosa, convites para subir ao palco. Nele, pelas mãos do prefeito, será a aniversariante que distribuirá presentes. Há muito a agradecer às pessoas que estão ali, todas, ao seu modo, geradoras de benefícios para a cidade. Os primeiros agradecimentos são dirigidos ao governador de estado e à presidente da República pela parceria e comprometimento com a administração carioca. Condecorados, presidente e governador se unem ao prefeito para, juntos, premiar os demais convidados.

Aos que não estão mais fisicamente presentes, mas deixaram sua marca na história – 63 personalidades ao todo –, o agradecimento é feito em forma de menção honrosa no livro *Heróis e heroínas da cidade do Rio de Janeiro*. Entre eles, gente muito conhecida nossa: São Sebastião, Estácio de Sá, Arariboia, Jean-Baptiste Debret, André Rebouças, Paulo de Frontin, Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Tia Ciata, Nelson Rodrigues, Pixinguinha, Carmen Miranda, Chiquinha Gonzaga, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meirelles, Zuzu Angel...

Aos ainda atuantes, por sua dedicação à cidade e por representá-la em suas ações, a mesma medalha dos anfitriões. Entre eles: a atriz Fernanda Montenegro; a cantora e compositora Dona Ivone Lara; o poeta Ferreira Gullar; o jogador, eterno ídolo do Flamengo, Zico; os três servidores mais antigos da prefeitura (Idalício Manoel de Oliveira Filho, Moysés Domingos da Costa e Gyleno dos Santos); o presidente do Comitê

Olímpico Internacional, Thomas Bach; a idealizadora do projeto Ópera Popular de Acari, Avamar Filgueira Pantoja; o cardeal Dom Orani Tempesta e os vendedores de mate e de *Biscoito GLOBO*, Luís Soares da Silva (o Ligeirinho) e Isaías Santos.

É isso aí. Ícones da tradição carioca, os vendedores de mate de barril e de biscoito de polvilho já haviam sido considerados patrimônio cultural e imaterial da cidade do Rio de Janeiro via decreto de nº 35179, de 2 de março de 2012. Com a assinatura desse decreto, os ambulantes receberam crachás e o direito de circular livremente pelas praias da cidade sem ser abordados pelos fiscais da operação Choque de Ordem (a mesma operação que banira o mate e a limonada em galão das areias cariocas em 2009). Uma forma de cadastramento, regulamentação e reconhecimento de uma profissão já considerada relíquia da cidade.

As medalhas 1º de Março entregues a Ligeirinho e a Isaías, embora também representem um prêmio a mais para toda essa classe de trabalhadores, premiam especialmente dois ambulantes representativos da praia de Copacabana não apenas por seu trabalho nas areias, mas também pela alegria, bom humor e ginga com que o executam. Em outras palavras, por seu jeito carioca de ser.

Viva a carioquice!

# Curiosidades

---

São Sebastião - 1: nascido na França, no ano de 256, Sebastião mudou-se para Milão, onde recebeu educação cristã e, mais tarde, alistou-se no exército romano, tornando-se um dos oficiais prediletos do imperador Diocleciano.

Como comandante de sua guarda pessoal, utilizava-se de seus privilégios para visitar e confortar os cristãos perseguidos e condenados, fazendo-os crer na salvação após a morte. Por essa prática, no entanto, foi denunciado ao imperador, que ainda lhe deu a chance de renunciar à religião. Como não aceitou a renúncia, Sebastião foi punido com flechadas, devendo sangrar até morrer – daí a imagem do santo com o corpo perfurado por flechas.

Por um milagre, porém, Sebastião não morreu, restabeleceu-se e voltou a disseminar o cristianismo. Foi após nova ordem de execução que ele veio a falecer por espancamento, sendo jogado nos esgotos

de Roma para que não fosse cultuado pelos cristãos. Quatrocentos anos depois, seria considerado santo pelo imperador Constantino.

---

São Sebastião - 2: a devoção a São Sebastião chegou ao Brasil junto com os portugueses, e, segundo relatos lendários, o santo foi visto com uma espada em punho no meio dos índios e portugueses, na época da fundação da cidade do Rio de Janeiro, enquanto se travava a luta contra os invasores franceses. Por esse motivo, e pelo fato de o dia da batalha final ter coincidido com o dia do santo, ele foi considerado padroeiro da cidade.